

O Recife na década de vinte: modernidade e identidade

Antonio Paulo de M. REZENDE*

Resumo: O artigo discute representações da modernidade, o dilema que envolve "o querer ser moderno" e "a resistência ao moderno" no Recife da década de 20. Negar ou aceitar a modernidade implica diferentes leituras que a sociedade elabora ao debruçar-se sobre seu passado. Descortinam-se várias matizes da modernidade. Símbolos, imagens, repercussões no meio intelectual, as políticas públicas de modernização do Recife e o controle do cotidiano da cidade.

Abstract: This article about the symbols of modern life, the conflicts that emerge from the search for "being modern" and the fight against modern age in the city of Recife of the twenties. To accept or to deny what is modern requires different interpretations of the society and its past. In this article several shades of modernity will be brought into light: symbols, images, the response of intellectuals, the public policies to turn Recife into a modern city and control of the everyday life of the city.

1) A Construção das Histórias

O resgate da memória histórica não se dá pela reconstituição do fato como "efetivamente ocorreu". O historiador é, sobretudo, um arquiteto de representações. A velha ilusão positivista de produzir uma verdade inquestionável sobre os acontecimentos do passado já se encontra desacreditada. A compreensão da História ultrapassa os limites da reconstituição dos fatos, da restrita explicação econômica ou política dos processos ou mesmo da eleição de sujeitos sociais privilegiados como atores únicos da cena histórica.

É preciso atentar para multiplicidade e redefinir as pesquisas na perspectiva de analisar a trama histórica. A História como movimento contraditório, caracterizado pela diversidade, território do inesperado e não espaço de totalidades abstratas e generalizações vazias. A construção da

* Departamento de História - UFPE.

pesquisa não deve se restringir a um exaustivo levantamento de fontes primárias, como se isso garantisse o estatuto científico do trabalho. A pesquisa deve estar vinculada a uma análise teórica que dê conta das questões que vão surgindo e não que, a priori, fixe modelos e paradigmas. As histórias que se contam e as histórias que se vivem são marcadas pela heterogeneidade, pelo conflito.

Nas discussões mais recentes, o historiador se defronta com novos objetos de estudo relacionados com a construção do cotidiano e do imaginário social, temas marcantes da chamada Nova História. Essas mudanças de perspectiva fazem parte dos questionamentos já anunciados na "Escola dos Annales", do estreitamento das relações da História, enquanto produção de um saber, com a Sociologia, a Economia e, mais recentemente, com a Antropologia e a Psicanálise. A dimensão cultural ganhou espaço na historiografia, com mostram os trabalhos de Peter Burke, Robert Darnton, Peter Gay, Eugen Weber... Na França, não se pode esquecer a preocupação com o imaginário, tão presente, por exemplo, em Jacques Le Goff e Georges Duby.

Quebrou-se com o monopólio da história grandiloquente, essencialmente política, criadora de mitos, seja na visão do vencedor, seja na visão do vencido. O historiador procura evitar correr o risco de apenas ser um sistematizador de informações ou um revelador dos segredos de misteriosas documentações que se encontravam adormecidas nos arquivos e acervos. A diversidade das fontes, a construção anônima do cotidiano, a longa duração, as permanências culturais, são elementos importantes para se pensar as redefinições na elaboração do saber histórico.

As reflexões teóricas de Michel Foucault, Cornelius Castoriadis, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Paul Veyne, entre outros, mostram-se valiosas para o enriquecimento e renovação da análise histórica. Além disso, o destaque dado à diversidade e aos múltiplos encontros e desencontros que compõem o fazer e o representar históricos devem tornar mais transparentes as relações entre saber e poder que estão presentes no trabalho intelectual. Não há um saber absoluto, nem tampouco definitivo. O estatuto da verdade está vinculado ao estatuto de poder de cada sociedade, como bem revela Michel Foucault nas suas análises. A História tem sido, frequentemente, usada como discurso justificativo de relações de controle social, criando identidades imutáveis. Cabe ao historiador formular e enfatizar os contrapontos, quebrar a aparente harmonia que encobre as inúmeras dissonâncias da construção da história.

2) Pensando a modernidade

A modernidade tem sido discutida, amplamente, em todas as áreas do conhecimento. Seus paradigmas estão sendo questionados, fala-se de uma pós-modernidade. Os textos de Jürgen Habermas, Marshall Berman, Walter Benjamin, Alain Touraine, Henri Lefebvre e tantos outros alimentam a discussão teórica. Para o historiador, mais especificamente, existem os ensaios preciosos de Jacques Le Goff, na Enciclopédia Einaudi, onde a trajetória histórica dos conceitos do moderno e do antigo, da modernidade e da modernização, mostra como as representações são múltiplas e estão ligadas às concepções de mundo de cada época.

Quando se trabalha com o conceito de modernidade, não se deve esquecer que por detrás da discussão mais sofisticada está uma relação, um contraponto que se encontra em todas épocas históricas: a dialética do novo com o velho, a permanência e a possibilidade da mudança. O poeta Octávio Paz captou muito bem os significados das indefinições e perplexidades que estamos vivendo, atualmente, que provocam discussões sobre os caminhos da modernidade. Quando lhe perguntaram se há certos períodos da história em que os homens não estão pisando em cadáveres ou em sementes, afirmou Paz profeticamente, 1989:

" O crepúsculo pode ser uma aurora. Em todo caso vivemos um momento de penumbra histórica. Estamos diante de uma mutação que afetará os Estados Unidos, a União Soviética, a América Latina, todo o mundo. Não sabemos o que vai acontecer, mas me pergunto se os homens, alguma vez, souberam o que iria acontecer. Será que o destino do homem não é este, não saber, mas mesmo assim libertar-se e penetrar no desconhecido"(In América (Depoimentos), Cia.das Letras, São Paulo, 1989, pág. 103).

Octávio Paz colocou a construção da História como território do inesperado, ressaltando seu conteúdo labiríntico. Essas afirmações nos levam a refletir sobre as mistificações produzidas na construção da modernidade e o que representa nessa construção a idéia de moderno, vinculada ao novo, ao revolucionário, como se o presente estivesse, radicalmente, dissociado do passado. Nosso propósito é refletir sobre essas representações que envolvem o trabalho com o tema da modernidade, do moderno e da modernização que fazem parte das nossas elaborações.

A anunciada crise da modernidade se concretiza e se radicaliza. O poder de sedução da modernidade parece haver desmontado. A ideologia do progresso não consegue convencer. Os caminhos não estão iluminados. A sociedade de consumo sacralizou o poder de compra como símbolo maior da liberdade, chegando a ser confundido com a própria cidadania. Assim, o ser mercadoria tornou-se o ser dominante numa sociedade de massas, onde a quantidade é, constantemente, confundida com a qualidade. Aliena-se tudo, desconstrõem-se as identidades. Todo esse processo foi questionado pelos frankfurtianos, com destaque para Marcuse na sua crítica ao que ele chamou de sociedade unidimensional.

Mas os primeiros tempos da modernidade foram tempos da fundação de utopias, da elaboração de teorias revolucionárias, da descobertas de novos mundos, da formulação de um discurso encantado com as possibilidades dos homens desvendarem os mistérios da natureza e se livrarem dos dogmas e dos preconceitos. Assim se deu a construção da ciência moderna, o liberalismo pensou uma sociedade politicamente diferente e o capitalismo expandiu-se, surgindo técnicas que afetaram, profundamente, as relações de trabalho.

O feito do novo e da novidade misturava-se com o sonho de que o futuro poderia ser o paraíso da igualdade e da liberdade. O homem tomava conta da sua história, alterava processos naturais, fazia o mundo a sua imagem e semelhança, como enfatiza Hannah Arendt, no seu livro "Entre o passado e o futuro". A História parecia algo linear, progressivo, seu conteúdo labiríntico, esquecido. As invenções modernas eram um elemento crescente de sedução. Tudo parecia possível de ser conquistado. A história tornava-se a oficina de um demiurgo aparentemente onipotente: o homem moderno.

O modernidade foi uma invenção da chamada civilização ocidental, tendo com núcleo básico a Europa. Tornou-se símbolo de avanço histórico e modelo fundamental que todas as culturas deveriam incorporar. Significava o sentido maior da própria História. Colocar-se contra modernidade seria se afastar da civilização, escolher a barbárie. As concepções de mundo consideradas modernas tornaram-se hegemônicas, numa trajetória nem sempre marcada pela liberdade e pela persuasão, mas pela violência e pela ameaças.

É difícil sintetizar os significados da modernidade. Sua complexidade é inegável, mas podemos considerá-la como um projeto histórico que sinaliza e acredita na possibilidade de se construir uma

sociedade de homens livres e iguais. Esse projeto não é uniforme. Liberais, socialistas, anarquistas construíram seus projetos de modernidade, tiveram concepções diferentes de liberdade e de igualdade. O que se buscava, no entanto, era dar um sentido à História, criar condições de domínio sobre a natureza, multiplicar as conquistas do homem.

A modernização garantiria as grandes mudanças na qualidade de vida, no combate a escassez de recursos, transformaria as cidades nos palcos privilegiados da modernidade. O moderno teria como conteúdo básico o novo, a efetivação da ruptura. Uma grande e contraditória aventura como afirma Marshall Berman, no seu livro "Tudo que é Sólido Desmancha no Ar":

" Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e, frequentemente, destruir comunidade, valores, vida, e, ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças e lutar para mudar o seu mundo, transformando-o em nosso. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem na expectativa de criar e conservar algo mais, ainda quando tudo em volta se desfaz ..." (Cia. das Letras, São Paulo, pág. 13)

3) Modernidade, modernidades

As colonizações européias foram definidoras da entrada da modernidade nas terras das Américas. Muita violência sobre os habitantes da terra conquistada, mas também a preocupação em persuadi-los, em torná-los defensores das crenças e dos valores europeus. Existem inúmeros trabalhos que descrevem o genocídio e o massacre cultural que marcaram a entrada dos chamados tempos modernos nos territórios da América. O livro de Eduardo Galeano, "As Veias Abertas da América Latina", é exemplar pela dramaticidade e beleza do texto. Lembra um imenso pesadelo cheio de assombrações, exterminando sonhos e memórias, desfazendo relações e costumes seculares.

Os vencedores ditaram as regras e traçaram as fronteiras que cercaram os vencidos, inventaram versões das suas conquistas que os consagraram. O historiador Miguel León-Portilla mostra o avesso da questão em dois livros fundamentais que se utilizam de relatos astecas, maias e incas: "A Visão dos Vencidos" e "A Conquista da América Latina

vista pelos Índios". Não foi muito diferente o que aconteceu no Brasil. As imposições da colonização portuguesa aos índios foram violentas e bruscas. Contraditoriamente, a escravidão assumiu lugar decisivo para firmar a dominação européia e produzir riquezas para consolidar os impérios da época. Igualdade e liberdade ficaram submersas. Predominou o desejo do lucro, a especulação, o esfacelamento das tribos africanas "fornecedoras" da mão-de-obra escrava.

O domínio de técnicas mais sofisticadas favoreceu substancialmente aos conquistadores. As invenções modernas provocavam fascínio, medo, pareciam instrumentos dos deuses que "os homens brancos" utilizavam como se fossem predestinados. A construção de um imaginário social que cultivava concepções de superioridade racial, cultural, histórica, colaborou, sem dúvida, para consolidar a vitória do modo de ser europeu e fortalecer a chamada modernidade ocidental cristã. Sem a ajuda da Igreja Católica as dificuldades teriam sido outras. Ela foi o grande aparelho ideológico da colonização, embora também tenha amenizando, em muitos casos, a violência do Estado metropolitano.

Os estigmas da colonização permanecem na memória histórica mesmo depois da emancipação política dos povos da América. Esses estigmas são obstáculos para construção da identidade. Os primeiros teóricos da modernidade brasileira ficaram perplexos diante do passado histórico, confusos em saber o que dele pode ser resgatado. Essas perplexidades e reflexões podem ser vistas nas análises de Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda...

Os livros de Dante Moreira Leite (O Caráter Nacional Brasileiro) e Roberto Ventura (O Estilo Tropical) revelam faces desses debates. Recentemente, o psicanalista lacaniano Octávio Souza analisou a questão da identidade no seu livro "Fantasia de Brasil". Os modernistas da "paulicéia desvairada" também expressavam essas angústias de diferentes maneiras, de "Macunaíma" de Mário de Andrade ao "Manifesto Antropofágico" de Oswald de Andrade, sem esquecer as incursões integralistas (o fascismo tropical ?) de Plínio Salgado. Que país é este ?, era pergunta fundante do Hamlet brasileiro.

Além das fantasias teóricas, do ser ou não ser, do "tupy or not tupy", há um cotidiano vivido, um enfrentamento diário com as novidades vindas do estrangeiro, outras formas de colonização, inegavelmente mais sutis e encantadoras. Já existe uma historiografia significativa que revela a

construção do cotidiano nas cidades modernas. Análises de Viena, Paris, Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro mostram as mudanças trazidas pela modernização, o choque do velho contra o novo, até o medo do apocalipse e da dissolução social. A tradição chega a ser sacralizada, pelos mais conservadores, diante das turbulências trazidas pelos hábitos e invenções ditas modernas.

4) O Recife, na década de vinte, e as "notícias modernas"

4.1- O Estado modernizador: mudanças

O controle sobre o cotidiano faz parte das modernizações nas cidades. O governo de Sérgio Loreto, em Pernambuco, na década de vinte, caracterizou-se pelo investimento na modernização do Recife e pela capacidade de exercer um controle sobre seus habitantes. Era o preço da modernidade, tão exaltada nos discursos e propagandas oficiais. Os seus órgãos de higiene e saúde públicas foram exemplares neste sentido, tendo Amaury de Medeiros como grande agente modernizador. Era preciso fugir de certos absurdos no campo da saúde pública que mostrava o "atraso" do Recife. Os doentes mentais, por exemplo, ficavam presos juntos com criminosos comuns. Com a ampliação do Hospital dos Alienados procurou-se dar aos doentes mentais um tratamento médico adequado.

A reformulação do Serviço de Higiene e Saúde, na busca de trazer os princípios "civilizatórios da higiene pública", estava aliada a mudanças físicas na cidade que a embelezassem e disfarçassem a presença da pobreza e de seus traços coloniais. O Recife deveria assumir ares modernos, de cosmópolis, como alertavam os modernizadores governistas. As suas ruas não deviam revelar suas mazelas sociais. Criaram-se colônias correccionais e aumentaram a capacidade do asilo de mendicidade, para reeducar os chamados de vadios, resistentes ao mundo do trabalho "produtivo".

Amaury de Medeiros, genro do governador Loreto, imprimiu uma dinâmica modelar ao Departamento de Saúde e Assistência. A ordem era urbanizar, civilizar, modernizar. Paris era o modelo. O trabalho de Amaury teve amplas repercussões na imprensa. Os mecanismos de propaganda eram modernos, inclusive, usavam-se documentários, que passavam nos cinemas, para divulgar os feitos do governo. A população resistia a muitas medidas higienizadoras, pois elas significavam a invasão do espaço privado e o fim de costumes seculares. A modernização tem, efetivamente, essa característica autoritária, não foi feita, em nenhuma cidade, apenas pelo convencimento e aceitação democrática da população. Ela mexe com

hábitos e construções culturais bastante enraizadas. Não ocorre sem resistências.

Foram da época de Amaury de Medeiros os programas de erradicação dos mocambos, de urbanização do Dérbi e Boa Viagem, de combate sistemático às epidemias. Além disso, Medeiros deixou vários artigos sobre a questão da higiene pública, onde se percebe que o discurso modernizador procurava manter a ordem e o controle, temendo que as relações políticas se transformassem e a cidadania se universalizasse. Isso, para ele, significava a anarquia e o caos social. Era o medo das elites governantes, modernizadoras ou não. A modernidade política assustava, sendo desprezada pelas elites.

4.2- O intelectual e o moderno: críticas

O Recife conviveu também com as tramas intelectuais da modernidade. Um dos seus intelectuais mais conhecido, Gilberto Freyre, era desses polemistas da década de vinte. Estava do lado da tradição, embora se considerasse um pensador marcado pela ambiguidade, não negando sua simpatia pelo modernismo. No seu chamado diário de adolescência "Tempo Morto e outros Tempos" mostrava-se, no entanto, um crítico ferrenho da modernização. A sua passagem pelos Estados Unidos não serviu para que se encantasse com as invenções modernas. Elas simbolizavam, para ele, um vazio cultural, uma perda de memória, um mal-estar na civilização ocidental. Lamentava-se, sempre, de não ter, por causa da 1ª Guerra Mundial, feito seus estudos na Europa. A Universidade de Oxford, inglesa, era seu modelo, pois equilibrava tradição com modernidade, o que, para ele, não acontecia nos Estados Unidos .

Na sua coluna escrita no Diário de Pernambuco, Freyre sempre alertava para as muitas mudanças que ameaçavam a tradição histórica. Parecia que a cidade se desligava, velozmente, do seu passado, destruía seus marcos históricos em nome da modernização da paisagem urbana, perdia, para ele, seus encantos mais fortes. Dizia-se interessado por tradições e valores "teluricamente brasileiros" que a modernização pouco respeitava. Via na modernização uma agressão a autonomia cultural brasileira.

O seu modernismo não tinha afinidades com o modernismo de São Paulo, segundo Freyre enfatizava. Nesse sentido, era defensor do regionalismo, reforçava a formação de um discurso que colocava o "Nordeste" com núcleo fundamental da "autêntica" cultura brasileira. O famoso "Manifesto Regionalista" foi a consagração desse ideário

regionalista que, ainda, permanece com influências profundas, inclusive, na elaboração e manipulação das políticas públicas. A idealização do passado, a crítica aos perigos das invenções modernas e ao exotismo trazido pelas modas e costumes estrangeiros, eram temas dos artigos de Gilberto Freyre que estariam também presentes em toda sua obra posterior como "Casa Grande e Senzala", "Sobrados e Mocambos", " O Recife, sim ! Recife, não !" e tantas outras.

Podemos afirmar que Freyre era um crítico da modernidade e das invenções modernas, não se sentia por elas seduzidas. A sua crítica tinha repercussões intelectuais, não era isolada. A leitura do processo de modernização nas cidades européias nos aponta também perplexidade, fascinação, medo, de que as novidades sufoquem a tradição. É como se houvesse algo de diabólico entranhado nessa busca do novo, no deslumbramento com as máquinas e com a tecnologia. Aos tradicionalistas restava o desafio de lutar contra o que os progressistas chamavam de destino histórico.

4.3. Lugares do moderno: imagens

A imprensa foi um veículo fundamental para divulgação e exaltação das invenções modernas. Na década de vinte, as propagandas já lidavam com técnicas de sedução significativas. Os jornais e as revistas da época (por exemplo Diário de Pernambuco, A Província, A Pilhéria) procuravam criar atrações para seus anúncios dos mais diversos produtos e serviços. O uso do desenho e da fotografia era frequente, como também de versos, onde a qualidade do produto, a sua novidade, o seu ser moderno, ganhava destaque. Os cinemas anunciavam suas atrações mostrando fotografias dos principais atores, como o anúncio transcrito da revista A Pilhéria:

" Hoje e Amanhã

Uma luminosa figura da tela, que surge no fulgor de seu talento e de sua peregrina beleza Dorothy Dalton. Uma obra de paixão, de sacrifício e de desespero.

MEIA HORA

Meia hora ! O tempo suficiente para que uma existência humana se transforme, para que uma vida se modifique ! Que terríveis que dolorosos sucessos podem ocorrer em trinta minutos apenas ?"

O Recife na década de vinte: modernidade e identidade

Aliás, o cinema seduzia, modificava os hábitos da cidade, avançando a diversão por horários antes impossíveis. As salas de exibição eram espaços privilegiados de convívio social, espaço perigoso para os conservadores e espaço de agitação, conversas, encontros amorosos. As colunas dos jornais e das revistas destacavam os filmes de sucesso, mas também faziam uma verdadeira crônica social de costumes. Ir ao cinema era um ritual, exigia cuidados com o vestir. Todos pareciam estar numa grande vitrine, talvez mais expostos que os atores e as atrizes.

Criou-se uma nova dimensão do público e do privado, numa cidade acostumada a viver seus dramas dentro do espaço doméstico, acompanhados pela censura e vigilância das famílias. O cinema provocava rupturas, incendiava corações, multiplicava desejos, redefinia sonhos, trazia já uma configuração nítida do que seria a sociedade de massas, o reino da diversão tecnológica. Os primeiros grandes heróis modernos foram os astros e as estrelas do cinema, glorificados, cercados de fantasias e ilusões bem diferentes das grandes personalidades do teatro. Eles estavam distantes, apesar da proximidade ilusória que a tela proporcionava. O cinema norte-americano dominava o mercado de uma maneira avassaladora, já era uma grande indústria e o filme uma mercadoria radicalmente moderna.

O Recife teve experiências interessantes com relação ao cinema na década de vinte. Um grupo de jovens apaixonou-se pelo cinema e fundou uma produtora que, em 1925, lançou a fita "Retribuição". Os jornais da época destacavam o interesse do público presente no Cine Royal para assistir filmes feitos no Recife, coisa rara num mercado dominado pela produção norte-americana. O chamado Ciclo Recifense fez parte, com destaque, dessas inúmeras tentativas de criar uma produção nacional. Era uma expectativa diferente para o público, pois estava próximo dos artistas, convivia com eles no cotidiano da cidade e nem por isso o cinema perdia sua magia. As dificuldades financeiras, a falta de recursos técnicos, impediram o crescimento das experiências cinematográficas locais. Os heróis de Hollywood da norte-americana ganharam a batalha, para os heróis da Hollywood pernambucana, como era conhecida a cidade do Recife na época.

5- O Recife Moderno (?)

A cidade moderna tem inúmeras símbolos que a identificam e que estão presentes no seu cotidiano. O Recife apresentava muitos desses símbolos na década de vinte : uma imprensa atuante, a "velocidade" dos

seus automóveis, o burburinho dos seus cinema, a preocupação com a moda, as políticas de higienização. Um cotidiano onde o conflito entre o novo e o velho se evidenciava, uma fragmentação da memória e uma contemplação entusiasmada com o futuro. É claro que não podemos uniformizar os diversos espaços da cidade, apagar as suas contradições, esquecer suas lutas políticas, as greves operárias que mostravam sinais de modernidade nas reivindicações dos trabalhadores assalariados urbanos.

Essas reflexões estão num território marcado pelas ambiguidades. O ser moderno não significa a destruição do passado, a presença totalitária do novo. Os discursos modernizadores enfatizam, muitas vezes, essa fantasia de ruptura radical, como se ela fosse socialmente possível. Um olhar sobre os processos revolucionários mostram a idealização do alcance das mudanças. As utopias existem e são fundamentais para construção da história. Elas apontam horizontes, seduzem, apaixonam, mas são referências para que a história não adormeça. Uma sociedade não se modifica, como o personagem kafkaniano do livro *Metamorfose*.

A tensão entre o moderno e antigo fazia parte da sociedade recifense da época, de suas camadas mais elitizadas que tinham acesso às invenções modernas, que liam os jornais e as revistas, que faziam seu "footing" pelas ruas centrais e se preocupavam em estar socialmente na moda, que contemplavam as vitrines e se envolviam com o mundo das mercadorias, que buscavam nos anúncios e propagandas as novidades, que se encantavam com a possibilidade do progresso e traziam o Recife para o espaço desse sonho.

A sociedade moderna capitalista tem suas matizes acentuadas quando, nas suas relações, está presente a dimensão suprema da mercadoria, sendo o cotidiano vivido com a consciência de que o valor de troca das coisas é mais importante do que o seu valor de uso. As invenções modernas são fetiches, despertam fantasias. Mas a sociedade moderna não se sente satisfeita apenas com a contemplação. Os homens querem controlar o que produzem, se apossar das mercadorias, poder exercitar sua capacidade de ver os desejos concretizados. O ser moderno, na perspectiva capitalista, tem essa dimensão materialista. A questão é intrigante: até que ponto a sociedade recifense convivia com essa dimensão?

Não podemos, porém, ficar submersos nas tipologias. As representações são elementos importantes para se pensar a questão da modernidade. As representações sobre a modernidade, o querer ser moderno, a resistência ao moderno, mostram que a sociedade recifense

enfrentava dilemas de uma sociedade que fazia leituras contraditórias de seu passado histórico. Muitos não se mostravam amedrontados com a possibilidade de perder tradições. Ao permitir que as invenções modernas tomem conta do cotidiano, cria-se um espaço fundamental para se mudar a relação dos homens com a sua história, pois muda a sua maneira de sentir e pensar o tempo, transformado também em mercadoria. Eram sinais que já se apresentavam no Recife da década de vinte. O homem moderno transforma esses sinais em profecias da razão anunciadoras de uma ordem racional e desmistificadora. Como assinala com rara beleza Octavio Paz, no seu livro "El Laberinto de la Solidaridad":

" El hombre contemporaneo ha racionalizado los mitos, pero no ha podido destruirlos. Muchas de nuestras verdades científicas, como la mayor parte de nuestras concepciones morales, políticas y filosóficas, sólo son nuevas concepciones expresiones de tendencias que antes enarnaron en formas míticas. El lenguaje racional de nuestro tiempo encubre apenas a los antiguos Mitos"(México.Fondo de Cultura, 1986, p.193).

Passadas tantas décadas Recife continua a conviver com fantasmas tão antigos que são reveladores da sua própria identidade: uma cidade que já foi construtora de sonhos e de rupturas, perdida num labirinto de um tempo que parece ter se petrificado na reprodução de uma miséria que a distancia da modernidade política. Ao compreender a construção da identidade como um pacto inquestionável com o passado, a cidade não arquiteta sonhos, mas pesadelos.